

Futebol, nacionalismo e “cultura physica” em Vitória (Brasil): a construção do estádio Governador Bley (1936)

Soccer, Nationalism and “Cultura Physica” in Vitória (Brazil): the Building of Governador Bley Stadium (1936)

João Alexandre Demoner¹
Ivan Marcelo Gomes²
Felipe Quintão de Almeida³
Cláudia Emília Aguiar Moraes⁴
Ueberson Ribeiro Almeida⁵

Resumo

Investiga alguns processos (políticos, econômicos, geográficos e culturais) decorrentes da construção do estádio Governador Bley, inaugurado, na cidade de Vitória, em 1936 e considerado o terceiro maior do País à época. As principais fontes utilizadas foram: os jornais *A Gazeta* e *Diário da Manhã*; e as revistas *Vida Capichaba* e *Chanaan*. A construção do estádio Governador Bley evidenciou: a) a capacidade de as práticas esportivas alterarem significativamente o uso dos espaços, modificando a paisagem urbana na cidade de Vitória e sua dinâmica social; b) o potencial (político) do esporte (e dos exercícios físicos, de modo geral) em contribuir com a reinvenção da identidade nacional e a consequente formação de um “novo” homem (regenerado física, moral e intelectualmente).

Palavras-chave: futebol, Modernidade, política, cidade

Fútbol, nacionalismo y “cultura physica” en la ciudad de Vitória (Brasil): la construcción del estadio Governador Bley (1936)

Resumen

Investiga algunos procesos (políticos, económicos, geográficos y culturales) originados por la construcción del estadio Governador Bley, inaugurado en 1936, en la ciudad de Vitória, Brasil, por entonces visto como el tercero más grande del país. La principales fuentes para el trabajo fueron los diarios *A Gazeta* y *Diário da Manhã*, y las revistas *Vida Capichaba* y *Chanaan*. La construcción del Governador Bley muestra: a) la capacidad de las prácticas deportivas cam-

Recibido: 06-12-2011 / Modificado: 17-01-2012 / Aceptado: 23-02-2012

Este producto se encuentra asociado a la investigación “Memórias litorâneas em ilhas Capitais: futebol, remo e outras práticas esportivas em Vitória-es e Florianópolis-sc” desarrollado por las Universidades de UFES/UFSC - 2011

- ¹ Licenciado em Educação Física (CEFD/UFES) (alexandremonar@yahoo.com.br). Vitória, ES, Brasil.
- ² Doutor em Ciências Humanas; professor do PPGEF do CEFD/UFES (ivanmgomes@hotmail.com). Felipe Quintão de Almeida
- ³ Doutor em Educação; professor do PPGEF do CEFD/UFES (fqalmeida@hotmail.com). Vitória, ES, Brasil.
- ⁴ Mestre em Educação (UFSC); professora da ESFA (cea_moraes@hotmail.com). Vitória, ES, Brasil.
- ⁵ Mestre em Educação Física (PPGEF/CEFD/UFES); (ueberonribeiro@terra.com.br). Vitória, ES, Brasil.

Cómo citar este artículo: Demoner, J., Gomes, I., Quintão de Almeida, F., Aguiar, C. & Ribeiro, U. (2012). Futebol, nacionalismo e “cultura physica” em Vitória (Brasil): a construção do estádio Governador Bley (1936). En: *Revista educación física y deporte*, 31, (1), p. 717-725.

biaron de manera significativa el paisaje urbano de la ciudad de Vitória y su dinámica social; b) el potencial (político) del deporte (y, de manera general, de los ejercicios físicos) como contribución para reinventar la identidad nacional y, por ende, la formación del hombre “nuevo” (regenerado física, moral e intelectualmente).

Palabras clave: fútbol, Modernidad, política, ciudad

Soccer, Nationalism and “Cultura Física” in Vitória (Brazil): the Building of Governador Bley Stadium (1936)

Abstract

The aim of this research was to investigate some political, economical, geographical and cultural processes in consequence of the building of “Governador Bley” Stadium in Vitória, Brazil, whose inauguration was in 1936. It was considered in that time the third bigger stadium in the country. The main sources were the newspapers A Gazeta and Diário da Manhã, and the magazines Vida Capichaba and Chanaan. The results suggest: a) the power of sport practices in changing the urban scene of Vitória and its social dynamic; b) the (political) power of sport (and generally of physical exercises) toward a reinvention of national identity and its resulting “new” Man building (physically, morally and intellectually regenerated).

Keywords: soccer, modernity, politics, city

Introdução

Desde 2009, temos realizado uma investigação cujo propósito geral é descrever o advento e a massificação das práticas esportivas na cidade de Vitória (Brasil), narrando o papel que o esporte desempenhou no processo de modernização da Capital do Espírito Santo, nas cinco décadas iniciais do século XX. Para alcançar esse objetivo, a investigação está organizada em subprojetos, cada qual com uma meta específica. Neste artigo, damos visibilidade ao subprojeto cuja responsabilidade é investigar os processos políticos,

econômicos, geográficos e culturais decorrentes da construção dos monumentos ou praças esportivas. Vamos concentrar nossa atenção na mais notável alteração produzida na paisagem urbana da Capital: a construção, na década de 1930, do estádio Governador Bley.

Nossa análise investiu esforços analíticos nos jornais *Diário da Manhã* e *A Gazeta*. Além dos jornais, fizemos a catalogação e análise de duas revistas que circularam no período abrangido pelo estudo. Uma delas intitula-se *Vida Capichaba*. O outro periódico analisado foi a Revista *Chanaan*. Analisamos também relatórios de alguns prefeitos de Vitória e governadores do Estado, publicados nas décadas de 1930. Todo esse material foi avaliado como “fonte”, a partir da qual fizemos uma análise do seu conteúdo (Bardin, 1977).

Organizamos o artigo com um único tópico, no qual descrevemos alguns aspectos do início da prática do futebol em Vitória. Nesse contexto, mencionamos a criação dos primeiros clubes e do primeiro estádio de futebol da Capital, o Estádio de Zinco, anos depois substituído pelo Governador Bley. Na sequência, descrevemos alguns processos políticos, econômicos, geográficos e culturais decorrentes da construção do Governador Bley e encerramos com uma síntese das análises operadas no artigo.

O início do foot-ball em Vitória: das “peladas” no centro da cidade à construção do estádio Governador Bley

Diferente do que acontecera em outras localidades do Brasil, o primórdio da organização esportiva, na cidade de Vitória, esteve ligado aos clubes de remo, criados a partir de 1902. Com algum atraso em relação ao que já acontecia no Rio de Janeiro e em São Paulo, o remo tornar-se-ia, em pouco tempo, o esporte predileto dos capixabas, reunindo em torno de sua prática os ideais da saúde, da velocidade, da limpeza, do progresso, do belo etc., representações indispensáveis à “reforma” dos corpos e das mentes na cidade em transformação. Ao mesmo tempo em que a “febre esportiva” em torno do remo se espalhava por todos os recônditos de Vitória, as

notícias sobre o futebol começam, paulatinamente, a circular entre os habitantes da ilha. Como nos mostra a matéria publicada no jornal *Diário de Manhã* (em 3 de outubro de 1926), *O início do foot-ball entre nós*, ao noticiar que, quando já era popular entre os cariocas e paulistas, era desconhecido entre os capixabas, despertando pouco interesse. É somente nos idos da década de 1910, que começaram os nossos rapazes, que estudaram fora do Estado, a promover a prática do futebol na cidade. Na região do bairro Moscoso, na barreira de São Gonçalo e no largo de São Francisco, localidades do centro da cidade, os moços começaram a chutar bolas de meia, com uma noção ainda “[...] pouco precisa da verdadeira technica futebolística. Um ou outro, mais viajado, sabia as regras e procurava applical-as, luctando com as difficuldades communs que se antepõem sempre á tarefa mellindrosa de organizar alguma coisa” (*Diário Da Manhã*, 1926, 3 out, s.p.). Também nessa mesma época, e por influência dos estudantes que o trouxeram até Vitória, o futebol começa a se difundir nas principais instituições de ensino da Capital, como o Colégio Estadual (com o time *Sul Americana*) e a Escola Normal (com a equipe do *XV de Novembro*).

A *footballmania*, que começara a tomar conta do Rio de Janeiro e São Paulo (Pereira, 2000) e a despontar também na Capital do Espírito Santo, possibilitou o surgimento dos primeiros clubes de futebol. Nascia, em 1º de outubro de 1912, o *Football Club Victoria*. Esse clube teve, no bairro de Santa Lúcia, um modesto campo cercado com alguns degraus de madeiras cobertos para melhor acomodar seus torcedores. Sua área, conforme Gomes Filho (2002), era separada por fios de arame corridos, colocados sobre ripas grosseiras, nos quais seus torcedores se debruçavam confortavelmente. Menos de um ano depois da inauguração daquele clube, em 21 de junho de 1913, cria-se, por um grupo de jovens de menor “poder aquisitivo”, mais um clube de futebol: o *Juventude e Vigor*. A sua fundação ocorreu no centro de Vitória. Pouco depois, em uma reunião realizada em 10 de fevereiro de 1914 (Gomes Filho, 2002, p. 14), os fundadores resolveram prestar uma homenagem ao chanceler José Maria da Silva Paranhos Jú-

nior, conhecido como o Barão de Rio Branco, e mudaram o nome do *Juventude e Vigor* para *Rio Branco Football Clube*. Embora o *Rio Branco Football Clube* não tenha nascido no centro da cidade, ele cresceu no importante bairro operário chamado Jucutuquara. Nesse local, havia uma grande área utilizada para represamento das águas da maré, com o objetivo de produzir sal. Era mais conhecida, pelos habitantes da cidade, como “Salina”. Abandonada por longo tempo, transformou-se em um terreno reto, sem gramas, mas excelente para as “peladas”. Foi nesse local que o *Rio Branco Football Clube* construiu seu primeiro estádio. O jornal *Diário da Manhã*, em página não identificada de sua edição de 28 de setembro de 1915, anunciava que o então presidente do Rio Branco, Otávio Araújo, apresentara a planta do esplêndido campo de *sports*, “[...] que será, depois de pronto, um dos melhores do Brasil, pois pretende o clube fazer, além do ‘ground’, campo para tênis, área para rink, aparelhos ginásticos, tanque de natação e pistas para corridas a pé”. Sua construção, contudo, não foi tão simples, pois, mesmo ocupando a área, o *Rio Branco Football Clube* não era o legítimo possuidor do terreno.

O *Foot-ball Club Victoria*, não satisfeito com as pretensões daquele clube que se tornara seu maior rival, fez valer o prestígio dos seus dirigentes no cenário político de então, impedindo não só o uso da área pelo *Rio Branco Football Clube*, como assumindo a posse do terreno (que era do Estado). O *Rio Branco Football Clube* passou, então, a treinar no município vizinho à Capital (Vila Velha), em área então identificada como campo do Bom Retiro (local próximo à atual Maternidade do município de Vila Velha). Segundo Silva (2010, p. 165), por iniciativa de um dos seus diretores, Agenor dos Santos, o *Rio Branco Football Clube* fez um novo contrato de locação do terreno das Salinas, com o Governo Estadual de Bernardino de Souza Monteiro (1916-1920), retornando ao campo de Jucutuquara. Com esse novo contrato, o Rio Branco deu início, em 1918, ao sonho de possuir um estádio próprio, tendo as obras iniciadas nesse mesmo ano. Para tanto, realizou um aterro na “Salina”, com a intenção de ampliar o terreno. Em pouco mais de um mês, o local já estava totalmente

cercado de folhas de zinco, ao mesmo tempo em que se construiu uma arquibancada de madeira, espaçosa e com um pavilhão central destinado às autoridades, além de boas acomodações para as “gerais”, do lado oposto (Silva, 2010, p. 167).

O *Ground* de Jucutuquara, também chamado “Estádio de Zinco”, não teve, conforme constava no projeto inicial, o tanque de natação, os aparelhos ginásticos e a quadra de tênis, mas possuía o *rink* de patinação, uma pista para corrida à pé e gramado, todo cercado por um arame liso. Segundo consta nas fontes que acessamos, a obra do novo campo custou cerca de 35 contos de réis, quantia considerada muito acima das possibilidades de qualquer clube capixaba. Foi inaugurado no dia 19 de abril de 1919, contra o Fluminense de Niterói, jogo que acabou empatado em 2 a 2 (Gomes Filho, 2002).

Com o “Estádio de Zinco”, o fluxo de pessoas para aquela região aumentou bastante, especialmente nos dias de jogos, proporcionando, assim, uma nova dinâmica e mesmo a expansão do bairro, com a abertura de ruas e estradas. Criou-se, ainda, uma linha de bonde, que saía da Vila Rubim (oeste), passava por Jucutuquara e viajava até a Praia Comprida (leste), facilitando o deslocamento da população em dias de jogos mas, também, no dia a dia.

A partir de 1932, com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência do País e o advento do Estado Novo, novas configurações políticas, econômicas e culturais se desenrolaram no Brasil. No Espírito Santo, outros atores políticos assumem o poder e passam a organizar a “vida” do Estado. Destaque, nesse momento, para João Punaro Bley, oficial do Exército, nomeado, por Getúlio Vargas, interventor federal, de 1930 a 1935; eleito, pela Assembleia Constituinte Estadual, governador do Estado, entre 1935 e 1937; e, novamente, interventor de 1937 a 1943.

Conforme sobejamente conhecido na historiografia do esporte no País (Drumond, 2003; Negreiros, 2003; Pereira, 2000), no Estado Novo, os esportes, principalmente o futebol e suas construções, adquiriram uma grande importância no projeto de País pretendido por Vargas, sendo

perceptível seu grande potencial aglutinador em torno da nacionalidade. E foi graças a esse potencial do esporte, desencadeado não exclusivamente pelo futebol, que categorias até então bastante abstratas, como *Povo* ou *Nação*, foram experimentadas como algo visível, concreto e determinado. E foi nesse contexto e/ou influenciado por esse espírito que, durante a gestão de Punaro Bley, se iniciaram as discussões para a construção de um novo estádio, que pudesse substituir o já não tão moderno “Estádio de Zinco”. E assim foi feito, pelo engenheiro Álvaro Sarlo, o projeto do novo estádio do *Rio Branco Football Clube*, uma edificação prática, confortável e moderna (Gomes Filho, 2002), obra essa que também seria utilizada para projetar o Espírito Santo no cenário esportivo nacional, além de ser um marco na paisagem urbana.

Nesse momento da história do País, em que os interesses do Estado brasileiro reservavam ao esporte um lugar de destaque, muitos foram os investimentos públicos nos clubes esportivos. Na revista *Chanaan* (1937, n. 16, jul., s/p), publica-se uma matéria em que ficam evidentes os investimentos feitos pelo governo nos diversos clubes da Capital (e do interior) para a construção de suas praças esportivas. No caso do *Rio Branco Football Clube*, anuncia-se que foram cedidos ao clube 160 contos de réis para a construção do seu estádio. Assim temos procedido, diz a letra da publicação,

[...] por que consideremos os esportes um capítulo fundamental da educação física. A formação de uma mocidade forte e capaz de cumprir os seus deveres para com a Pátria deve sempre preocupar a atenção dos governantes, daí porque volvemos carinhosamente os nossos melhores cuidados para os esportes, dispensando-lhes assistência financeira para poderem bem exercer as suas nobilitantes finalidades (Chanaan, 1937, n. 16, julho, s/p.).

Os investimentos não se restringiram ao governo estadual. Em nível municipal, constatamos, no relatório do prefeito de Vitória, Asdrubal Soares (1930-1933), que estavam sendo feitos estudos para a construção de um estádio em Jucutuquara, abrangendo: sondagens, projetos das ruas

adjacentes, cálculo de movimento de terra, anteprojeto da estrutura de concreto armado e orçamento aproximado das obras. Encontramos, no relatório de 1935, do prefeito de Vitória, Álvaro Sarlo (1935-1936), uma menção sobre a realização de terraplanagem para a construção do novo campo do Rio Branco. No relatório do ano de 1936, assinado por Laurentino Proença, “chefe de obras” do prefeito Paulino Müller (1936-1937), identificamos dados sobre verbas reservadas à construção do estádio Governador Bley. Ainda em 1936, no relatório da *Diretoria de Água e Esgoto*, consta verba destinada ao gramado e construção do estádio. Segundo Pereira (2000, p. 355), e isso se aplica bem ao nosso caso, o financiamento do governo aos grandes clubes já “[...] era praticado pelas autoridades, mas a partir da Revolução de 30 foi estendido a clubes menores, não apenas por parte do governo federal, como também por prefeitos, interventores ou outros órgãos governamentais”. Essa simbiose entre os interesses dos clubes e os dos governos deve ser compreendida, levando-se em conta, por um lado, o controle que os governos de então pretendiam exercer sobre a organização esportiva nacional (Drumond, 2003). Isso porque as grandes construções esportivas dessa época assumiam um tríptico papel com relação a esses governos: a) a representação do regime urgente; b) a participação no culto político; c) a formação de um novo homem. Por outro lado, as suntuosas obras expressavam o sucesso que as práticas esportivas, em especial o futebol, tinham obtido no conjunto da população. Parecia, assim, inevitável a necessidade de se pensar na construção de um novo estádio para a cidade; um estádio que fosse compatível com Vitória, que havia crescido e se transformado.

Além de mobilizar a sociedade capixaba em torno de sua inauguração, a construção dessa praça de esportes “[...] forçou, como curioso fator social, a expansão de todo um bairro – Jucutuquara” (Rio Branco Foot-Ball Clube, 1936, maio, p. 3) e, podemos acrescentar, de toda uma cidade, que também se organiza e/ou se modifica em função do esporte. Segundo Melo (2007), referindo-se ao Rio de Janeiro, é fortíssima a relação entre o desenvolvimento de um sistema de transporte público e a popularização dos esportes nas cidades

brasileiras. Assim, da mesma forma que a melhoria nos transportes da cidade foi fundamental para o sucesso das atividades dos clubes, as instalações esportivas geraram focos de urbanização ao seu redor, o que criou a necessidade de uma estrutura mais adequada de mobilidade para o conjunto da população. É o que podemos identificar na matéria com o título *Em Benefício da Coletividade*, na qual se noticia que a Companhia Central Brasileira de Força Elétrica

[...] lançou, coincidindo admiravelmente com a inauguração da obra monumental que é o Stadium Governador Bley um esplendido Bonde. [...] Foi um benefício em prol da colectividade capixaba e compatível com seu progresso actual, pois o veículo em apreço está optimamente lançado; amplo, definitivo, agradável, o bonde novo, como está cognominado, prestou desde a sua recente sahida das officinas da Central Brasileira de Força Electrica, bons serviços ao povo, justamente no dia em que a cidade se movimenta além do habitual, com a concurrencia do publico aos prélios esportivos no bairro de jucutuquara (Chanaan, 1936, n. 5, maio, p. 8).

A construção do estádio Governador Bley, desse modo, representou significativa centralidade simbólica no imaginário social, “obrigando” a cidade a se preparar para o legado decorrente de sua presença na paisagem. É o que podemos notar em matéria publicada no *Diário da Manhã*, às vésperas de sua inauguração, em 1936:

O Espírito Santo vai possuir do dia 30 de maio em diante o terceiro estádio do Brasil. É a exclamação jubilosa que vive no coração dos capixabas, e que revela o nosso orgulho pela brilhante conquista do alvinegro; a fim de comemorar condignamente essa realização tão luminosa, movimentam-se todas as forças espiritosantenses, todos os espíritos comungam o mesmo ideal de fé, o mesmo sentimento de entusiasmo e a mesma alegria radiosa. Os hotéis têm quase todos os seus aposentos reservados telegraficamente (*Diário Da Manhã*, 1936, 20 de maio, p. 3).

Nos dias que antecederam a inauguração do estádio, as matérias, nos jornais e revistas, ganharam

maior espaço nas publicações. Em 25 de abril de 1936, no jornal *Diário da Manhã*, menciona-se o estado em que se encontram as obras, bem como se destacam as dimensões máximas do campo e informações sobre as instalações físicas dessa praça de esportes. Segundo consta, a esplêndida área

[...] possui quadras de tênis e bola ao cesto, vestiários, dormitórios, dependências diversas e uma grande e futurista arquibancada de cimento armado em toda extensão da lateral do campo. E Punaro Bley não vem poupando esforço para que o Brasil veja o seu adiantamento esportivo (*Diário Da Manhã*, 1936, 25 de abril, s.p.)

Na matéria “O Stadium Governador Bley”, do jornal *Diário da Manhã*, assinada por Cid Etienne Dessaune, o jornalista nos conta qual foi a impressão que teve ao entrar nas instalações do estádio Governador Bley: “[...] obra monumental soberba e majestosa, magníficas instalações internas como externas, imponências das suas linhas arquitetônicas e sobriedade de todo o edifício, e mais que entusiasmas e extasia o visitante” (*Diário Da Manhã*, 1936, 1.º de junho, s.p.). Na edição do *Diário da Manhã*, de 20 de Maio de 1936, a matéria “A inauguração do Stadium Governador Bley será um acontecimento retumbante”, menciona a homenagem que o clube decidiu prestar ao Capitão João Punaro Bley, colocando seu nome no estádio, como reconhecimento da ajuda que o seu governo vinha fornecendo ao clube.

No jornal *Diário da Manhã*, anuncia-se que se voltam as vistas de todos os desportistas de nossa terra e do Brasil para a inauguração do estádio, o “[...] majestoso templo da força audaciosa da raça Espiritosantense” (*Diário Da Manhã*, 1936, 21 de maio, s.p.), “[...] erguendo, sob os céos do Brasil, triunfantemente, em pugnans memoráveis, as côres gloriosas do esporte capichaba (*Diário Da Manhã*, 1936, 31 de maio, s/p). Na matéria “O primeiro Stadium Capichaba”, assinada por Gualter W. Oliveira, no jornal *Diário da Manhã*, de 1.º de junho de 1936, conclui-se que

[...] a inauguração do stadium vem preencher uma lacuna que se fazia sentir sensi-

velmente nos meio esportivos da terra de Maria Ortiz. [...] decididamente marca um acontecimento patriótico e desportivo no âmbito dos desportos capichaba e marca o bairro de Jucutuquara onde foi plantada uma semente de uma frondosa arvore. [...] nada mais fará o povo capichaba do que incentivar a outros para novas realizações como a do Rio Branco Foot-ball Club (*Diário Da Manhã*, 1936, 1.º de junho, s.p.).

Em outra matéria, desta vez publicada na revista *Chanaan* (1936, n. 4, p. 40), mais uma vez fica explícita a relação entre a construção do estádio e os ideais patrióticos, tão evocados durante o Estado Novo:

Para essa realização, tão grandiosa quanto necessária, todos os elogios, todas as referências que se façam ao Rio Branco F. C. serão merecidas. Por que, justo é confessar, a empresa foi difícil, foi ousada, foi grandiosíssima. Só mesmo muita energia, grande devotamento aos interesses colectivos, e perfeita compreensão da finalidade sportiva da obra, poderia levar um club a carregar nos hombros tão grande responsabilidade [...]. E delle, da sua realidade, podemos tirar positivas conclusões, conclusões estas tão vivas e quanto insophismáveis, que dellas poderemos nos servir, como indice, como incentivo seguro, do quanto pôde produzir a collectividade humana, se ella se associa, se ella se irmaniza, se ella se dispõe a um trabalho são e efficiente para conseguir as justas aspirações dos seus congregados, tão bem expressa na velha phrase de velho pensador: - ‘a união faz a força’.

O estádio, além disso, foi concebido para ser um grande palco do cultivo da “cultura physica” da mocidade capixaba. Na matéria “O Stadium como indice de civilização”, assinada por Pêrsio Nascimento, fica evidente o interesse do Estado em “regenerar” os corpos e incentivar as práticas esportivas na população em favor de uma mocidade mais forte e sadia. Diz a letra da publicação que o Brasil, ainda que com algum atraso, segue o passo de outros países, despertando de um sonho que pouco a pouco vai se transformando na mais promissora realidade, pois já “[...] cuida do aprimoramento de sua raça, reconhecendo no

Stadium um meio capaz de seleccionar typos e estabilisar padrões”. Cumpre, assim, ao Rio Branco Football Clube,

[...] onde se destaca a figura do Capitão Carlos Marciano de Medeiros, outro benemérito para os nossos desportos, uma das maiores exigências actuaes: dotar o solo pátrio de verdadeiro aparelhamento technico para os desportos, trazendo, conseqüentemente, maior animação nas disputas, e, o mais importante, o fortalecimento da raça brasileira (*Diário Da Manhã*, 1936, 1.º de jun, s.p.).

O estádio, desse modo, foi pensado pelo Poder Público como um espaço para a melhoria da raça brasileira, por meio da formação física, moral e cívica da juventude. Não surpreende o “Departamento de Cultura Physica” estar sediado em suas instalações. Segundo consta no decreto que cria o “Departamento de Cultura Physica” (Decreto n.º 1.366, de 26 de junho de 1931), “[...] a existência de um aparelho administrativo encarregado de promover e dirigir a educação physica [...] lhe dará certamente maior amplitude e eficiencia, afim de que possa corresponder à aspiração collectiva relativamente ao preparo de homens fortes e sadios” (ESPÍRITO SANTO, 1931). O primeiro diretor do Departamento foi o Capitão Carlito de Medeiros, então presidente do *Rio Branco Football Clube*. Coube ao órgão que dirigia a responsabilidade de organizar a “Demonstração de Educação Physica” que aconteceu no dia de inauguração do estádio. O evento foi um grande ato cívico-político de amplitude estadual, ao envolver o interventor federal, outros políticos e demais autoridades. A cerimônia pretendeu mostrar a força do Governador Bley, consubstanciada na própria construção monumental, além de materializar concepções como ordem, coletividade, unidade e beleza.

Nos anos seguintes à sua inauguração, o estádio Governador Bley transformou-se, no Espírito Santo, no palco principal das comemorações das datas cívicas de nosso País. Segundo Drumond (2003), os esportes e as festas públicas funcionavam como a teatralização de uma imagem de Nação feliz e longeva. Nessas “Demonstrações

de Educação Physica”, os ideais de patriotismo, raça e sacrificio foram potencializados e ressignificados, constituindo, assim, momentos marcantes na educação de crianças e jovens. Reafirmavam, na ideia do coletivo e, em sua coesão, as bases da propaganda nacionalista. Essas festividades eram devidamente registradas nos meios de comunicação da época. Em uma das edições da revista *Vida Capichaba*, publica-se um texto que fazia referência à “Demonstração de Educação Physica” realizada durante as comemorações de 7 de setembro de 1940. Assim dizia o texto:

Preparadas para a vida, que exige fortaleza de raça, alma sadia em corpo forte, são as brasileiras de amanhã que já constituem um grande orgulho da pátria. Assim o Brasil do futuro terá os seus filhos cada vez mais aptos á sua defeza, tanto mais quanto é elle uma das mais ricas nações do mundo e, justamente por isso, necessita de que o seu povo, pela intelligencia e vigor da raça, esteja sempre prompto ás incertezas do amanhã (*Vida capichaba*, Vitória, outubro, 1940, s/p).

Ao controlar as pulsões de seus praticantes, fomentando o comportamento civilizado entre os capixabas, os esportes teriam o poder de ajudar na criação de uma sociedade na qual os homens fossem educados pelos exercícios físicos, capazes de aliar o ensinamento do senso de coletividade ao de disciplina na consolidação física, moral e intelectual da raça brasileira.

Considerações finais

Este subprojeto teve por objetivo investigar alguns processos políticos, econômicos, geográficos e culturais decorrentes da construção, em Vitória, da principal praça esportiva na primeira metade do século XX: o estádio Governador Bley. Para tanto, tivemos que descrever alguns fragmentos da história do futebol nesta Capital que antecederam sua construção (as primeiras práticas do jogo, nos terrenos e nas escolas; a criação dos primeiros clubes e do primeiro estádio, conhecido como “Estádio de Zinco”). Nessa descrição, e amparados nos estudos históricos sobre o esporte em outras localidades do País,

pudemos perceber as especificidades assumidas pelo desenvolvimento da prática esportiva em Vitória. Por exemplo, o fato de o início da organização do esporte entre os capixabas estar vinculado ao desenvolvimento do remo (e não do turfe); e a relativa demora na introdução do futebol na cidade, o que aconteceu somente a partir dos anos de 1910. Esse atraso, contudo, não impediu – anos depois – a rápida construção de um estádio que, à época, foi considerado o terceiro maior do País. Apesar dessas particularidades, foi possível identificar também semelhanças em relação ao que ocorreu em outras Capitais. Conferimos destaque a dois elementos: a) a relação entre os dirigentes esportivos e os governantes locais; b) o investimento público, sobretudo do interventor João Punaro Bley, na construção de monumentos esportivos.

Pudemos notar, no artigo, como os clubes capixabas e os políticos locais reagiram aos apelos para o desenvolvimento do esporte no Brasil, em especial durante o Estado Novo. Demonstramos como esses apelos se materializaram no caso do estádio Governador Bley, cuja construção nos evidenciou:

A capacidade da prática esportiva em produzir novas formas espaciais, alterando a paisagem do território e, desse modo, redefinindo os usos do espaço urbano. A existência desse monumento esportivo, por sua vez, foi acompanhada de outros investimentos em setores igualmente importantes para a remodelização de Vitória, sua modernização. Por exemplo, podemos mencionar a abertura de estradas que levavam aos locais de jogos ou, então, a criação e/ou deslocamentos de linhas de bonde com a finalidade de conduzir o grande público às competições. Movimentou, além disso, o comércio da região em torno de sua prática e incentivou a expansão de todo um bairro (Jucutuquara). O estádio Governador Bley, assim, pode ser tomado como uma “paisagem-marca” (Berque, 1998), resultante que foi do advento de valores e práticas socioculturais que se materializam num dado momento de um lugar. Nesse sentido, configurou-se como um

patrimônio histórico-cultural, mas também pode ser concebido como uma “paisagem-matriz”, pois participou ativamente da vida cotidiana, no plano simbólico e no plano da ação.

Por um lado, seu emprego como símbolo cultural para demonstrar ao Brasil o estágio avançado em que se encontrava o esporte no Espírito Santo e, em particular, na cidade de Vitória. Por outro lado, o estádio não foi somente um monumento para a realização de jogos, mas também um ambiente da divulgação dos novos ideais em voga no Brasil e no Espírito Santo, na década de 1930. Dessa forma, favoreceu a construção de uma identificação cultural, por meio da intensa participação nas comemorações cívicas e da realização expressiva de competições esportivas. Tanto os desfiles (as “Demonstrações de Educação Física”), quanto as competições que lá aconteciam devem ser compreendidos como práticas culturais simbólicas, que impuseram crenças comuns à população ao traçarem imagens fundadoras da nacionalidade. Sua construção representou a importância que a prática do exercício físico (ou a “cultura física”) adquiriu com vistas à transformação do brasileiro em um novo homem (regenerado física, moral e intelectualmente). Afinal, Vitória, à semelhança do que acontecia nas principais cidades do País, não podia ficar alheia à “reforma” das mentes e dos corpos pretendida pelo regime político que ditava os rumos da Nação naquele momento.

Este artigo trouxe à tona indícios relevantes sobre o desenvolvimento do esporte na cidade de Vitória, evidenciando a importância que sua prática desempenhou na transformação da Capital nas décadas iniciais do século XX. Além de suprir parcialmente uma lacuna importante na história do esporte na cidade de Vitória (já que são pouquíssimos os trabalhos que se dedicaram a isso), se junta àqueles esforços já existentes que procuram dar visibilidade à história do esporte em centros menores do Brasil (como Vitória), permitindo destacar as particularidades e também as semelhanças dos primórdios do esporte na Capital do Espírito Santo.

Referências

1. Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
2. Berque, A. (1998). Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elemento da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, R.; ROSENDAHL, Z (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
3. Chanaan, *Stadium*, Vitória, n. 4, 1936, s.p.
4. Chanaan. *Em benefício da coletividade*, Vitória, n. 5, p. 8, maio. 1936, s.p.
5. Chanaan. *Auxílio aos esportes*, Vitória, n. 16, jul. 1937, s.p.
6. Demonstração de Educação Physica no Dia da Pátria. *Vida Capichaba*, Vitória, s.p., out. 1940.
7. *Diário Da Manhã. Planta do esplêndido campo de Sport*, Vitória, 28 set. 1915, s.p
8. *Diário Da Manhã. O início do foot-ball entre nós*, Vitória, 3 out. 1926, s.p.
9. *Diário Da Manhã. Rio Branco F.C.*, Vitória, 25 abr. 1936, s.p.
10. *Diário Da Manhã. A inauguração do Stadium Governador Bley será um acontecimento re-tumbante*, Vitória, 20 maio 1936, s.p.
11. *Diário Da Manhã. A inauguração do Stadium “Governador Bley*, Vitória, 21 maio 1936, s.p.
12. *Diário Da Manhã. A 12 anos...*, Vitória, 31 maio 1936, s.p.
13. *Diário Da Manhã. O Stadium Governador Bley*, Vitória, 1 de jun. 1936, s.p.
14. Drumond, M. (2003). *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri.
15. Espírito-Santo. Decreto-lei n.º 1.366, de 26 de junho de 1931. Cria o Departamento de Cultura Physica do Estado. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Vitória, 27 jun. 1931.
16. Gomes Filho, O. *Rio Branco Atlético Clube: história e conquistas*. Vitória: Oficinas da Imprensa Oficial do Estado do Espírito Santo, 2002.
17. Melo, V. A. (2007). *Dicionário do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ.
18. Müller, P. (1936). *Relatório do prefeito*. Vitória.
19. Negreiros, P. J. L. (2003). Futebol nos anos 1930 e 1940: construído a identidade Nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba: Editora UFPR, n. 39, p 121-1151.
20. Pereira, L. A. M. (2000). *Footballmania: uma história social do futebol (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
21. Sarlo, A. *Relatório do prefeito*. Vitória, 1935.
22. Silva, A. J. S. (2010) *Os Estádios do Rio Branco*. *Revista IHGES*, Vitória, n. 64, p. 159-182.
23. Soares, A. M. (1933). *Relatório do prefeito*. Vitória.